

O Mundo em Português N°2

Novembro 1999

O Vazio Diplomático

Kieren Costa

Enquanto a guerra alastra por Angola, continua a não haver sinais de uma mudança de postura entre as partes beligerantes. EUA, Portugal e Rússia agem cada vez menos como os mediadores.

Desde o reacender da guerra em Angola nos finais de 1998, o Presidente José Eduardo dos Santos tem reiterado a sua afirmação de que já não existem pressupostos de negociação com o líder da UNITA, insistindo no cumprimento dos acordos de Lusaka de 1994, ou seja, o desarmamento e a desmobilização das tropas da UNITA e a extensão da administração estatal ao território controlado pelo movimento do Galo Negro.

A relutância do Governo angolano em negociar com a UNITA está patente na sua recusa intransigente de discutir até a abertura de corredores humanitários. Por outro lado, Jonas Savimbi afirma que os acordos de Lusaka estão completamente ultrapassados e exige que se retomem as negociações tendo em conta "a nova realidade".

Perante a situação de guerra não tem havido iniciativas por parte da comunidade internacional para ressuscitar o diálogo em Angola. Desde a retirada forçada da missão da MONUA em Março, a ONU tem focado a sua atenção na resolução dos problemas humanitários e na investigação da proveniência das receitas e do apoio militar da UNITA. No entanto, prevê-se brevemente a instalação de um gabinete de ligação das Nações Unidas na cidade de Luanda, cujo objectivo é, segundo o secretário-geral da ONU, "examinar medidas efectivas para restituir a paz". Se a aceitação por parte do Governo em Luanda da nova presença das Nações Unidas no território angolano representa um passo em frente, a dúvida mantém-se quanto ao que o gabinete poderá alcançar face à intransigência dos beligerantes.

No caso dos Estados que detêm interesses económicos em Angola, prevalece a política de "business as usual". O embaixador dos Estados Unidos da América acreditado em Angola tem afirmado que embora a implementação do Protocolo de Lusaka por parte do Governo de José Eduardo dos Santos não tenha sido perfeita, a responsabilidade principal da retomada do conflito cabe a Jonas Savimbi. Esta interpretação do desenrolar dos acontecimentos em Angola tem justificado a maior aproximação entre os dois países.

A organização pelo Departamento de Estado americano da primeira Comissão Consultiva Bilateral em Washington, cujo objectivo é reforçar as relações económicas e comerciais entre os dois países, exemplifica a actual política da administração do Presidente Clinton.

Portugal tem também seguido uma política de cooperação mais estreita com o Governo de Luanda, na qual se insere a recente visita a Angola do Chefe de Estado-Maior das Forças Armadas Portuguesas. Esta cooperação entre Portugal e Angola, que inclui a formação de oficiais angolanos, tem até suscitado acusações por parte da UNITA de um envolvimento português ao lado das FAA. Por seu lado a Rússia, aliado de longa data do MPLA, continua a vender armamento ao Governo angolano. A aproximação entre Luanda e os três membros da troika parece indicar que os EUA, Portugal e a Rússia deixaram de privilegiar o papel que desempenhavam

como mediadores no processo de paz. Por outro lado, a reacção dos governos africanos à crise angolana também não suscita razão para optimismo. A SADC parece ter comprometido qualquer hipótese de ser um mediador neutro. Pressionada pelo Presidente Eduardo dos Santos, a organização regional declarou que considerava o líder da UNITA um criminoso de guerra e que já não era um interlocutor viável para a solução do conflito angolano. De qualquer modo não existe um consenso entre os estados-membros da SADC no que se refere às medidas que deveriam ser tomadas para acabar com a guerra.

Enquanto o Governo de Zimbabwe deseja uma intervenção militar por parte da SADC para acabar com o conflito, a posição da África do Sul tem sido mais cautelosa. É necessário questionar até que ponto é que o novo Governo de Thabo Mbeki considera que o fim do conflito angolano é do seu interesse.

Caso a UNITA deponha as armas, Luanda poderá seguir uma política expansionista (que começou com as intervenções das FAA no Congo-Brazzaville e na República Democrática do Congo) ameaçando a hegemonia militar da África do Sul na região.

Perante o impasse diplomático, Angola continua em guerra. Após a recente aquisição de artilharia pesada, tanques e carros de assalto e aviões MiG e Sukhoi, as forças governamentais embarcaram numa grande ofensiva cujo objectivo principal é a ocupação dos quartéis gerais da UNITA nas cidades de Bailundo e de Andulo. Embora o Governo de Luanda esteja consciente de que não tem capacidade para aniquilar as tropas da UNITA, espera travar os avanços dos rebeldes nos últimos meses. Por seu lado, Jonas Savimbi continuará a desempenhar o papel de senhor de guerra convencido de que esta é a única maneira de chegar ao poder. Tudo indica que a curto prazo ambas as partes seguirão a opção militar.